

**0** OPINIÃO

## CARTA ABERTA

Exmo Senhor Director do Elo

Naturalmente que não faço falta. A ADFA é um todo, e falta fazemos todos.

A não publicação do meu último artigo sobre a canonização do Sr.º D. Nuno, não me pode deixar indiferente.

Não pelo facto exclusivo de não ser publicado. Não escrevo para o Elo de vez em quando, ou quando sinto na algebeira o peso de ser deficiente. Há muito que exerço o meu direito de cidadania, não apenas no Elo, mas principalmente no Elo.

Não aceito e não admito ser censurado.

Não posso crer que a nossa Associação, os seus dirigentes travem a opinião com medo da boa ou má disposição do governo.

Não é a primeira vez, nem a segunda que sou censurado. Obviamente que não me vou calar.

O 25 de Abril – o que nos trouxe de mais valioso, entre outras coisas, foi a possibilidade da liberdade de opinião – Liberdade de pensamento e expressão.

Há muito que luto sozinho. Não sou nenhum D. Quixote, nem sonho com moinhos de vento.

O 25 de Abril será sempre um repto a nós próprios, enquanto cidadãos.

Os algozes deste tempo, quantas vezes disfarçados de democratas, não têm o rosto da ditadura. Escondem-se quantas vezes sob lógicas do passado que impedem a construção definitiva de uma sociedade mais justa, solidária e mais livre, sendo que o nosso principal adversário é sem dúvida a indiferença e a hipocrisia e quantas vezes o comodismo de uma geração que ainda não tomou consciência de que o futuro não está perdido e afastando-se da intervenção pública e da acção política e social.

A nossa palavra pode fazer a diferença. A acção de cada um, sem dúvida será essencial nos desafios que enfrentamos como sociedade. Ou tomamos conta disto ou tomam conta de nós. Da parte que me toca, não vou deixar.

**José Maia**

## Editorial

# CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO

Foi há 35 anos que nascemos, a 14 de Maio de 1974, passavam poucos dias da “Revolução dos Cravos”, data que comemoramos com emoção e com a consciência de que, também, “do nosso sofrimento se fez Abril”.

Muitos de nós duvidaram, alguns acreditaram no sonho - é sempre assim quando o desconhecido nos bate à porta - irrompemos determinados pela força da juventude que fervilhava nas nossas veias. Uma utopia, num querer de Primaveras, que sempre ao longo da história acompanhou os passos de mudança da Humanidade.

Hoje as dúvidas estão dissipadas e bem plasmadas no AMARELO do nosso emblema que, desde Maio de 74, marcou a nossa inabalável confiança na reabilitação e integração social. Aos nossos fundadores, que lançaram a semente desta flor, prestamos homenagem.

Foram caminhos e processos difíceis, por vezes árduos, mas soubemos sempre afirmar bem alto a nossa razão, a nossa força. Servimos Portugal em tempo de guerra, guerra injusta, por isso reafirmamos que somos a “força justa das vítimas de uma guerra injusta”.

Implantámo-nos no País, de Bragança aos Açores, e ajudamos a criar estruturas de apoio aos cidadãos africanos que lutaram pela Bandeira Portuguesa. Para nós, o balanço do empenhamento de todos é positivo. Orgulhamo-nos do nosso trabalho, apesar de nem tudo estar resol-

vido. Mantemos a lucidez suficiente que sempre nos é transmitida pelas Assembleias-Gerais Nacionais. De novo aconteceu na última AGNO, em 18 de Abril, que aprovou mais um documento, marcando a caminhada das nossas reivindicações. Temos a noção das injustiças que aguardam reparação e gritam nas nossas consciências.

Só à volta da ADFA podemos construir a confiança que diariamente nos anima e, do inconformismo que nos acompanha, retiraremos a força e coesão necessárias para ultrapassar as frustrações e acreditar num futuro que, juntos, devemos construir, com participação e pluralismo.

Acreditamos nos nossos valores e projectos, sabemos que carregamos um pesado fardo que é a nossa deficiência, mas com uma ADFA mais reivindicativa na exigência dos nossos direitos, garantiremos o apoio à reabilitação, saúde e envelhecimento.

Camaradas,

O futuro está nas nossas mãos, o momento é dos mais difíceis, são essas as notícias... mas Portugal tem para connosco uma dívida, que tarda em saldar.

**“QUE AS NOSSAS MÃOS  
NÃO DESFALEÇAM NA CAMINHADA  
DE MAIS 35 ANOS”**

**VIVA A ADFA**

**0** OPINIÃO

## SAÚDE/FAMÍLIA DEFICIENTE MILITAR

Em primeiro lugar e como se sabe, não era de esperar a saúde para todos os deficientes militares. Depois, com a manifestação a 14 de Maio de 2008, as reuniões com Grupos Parlamentares, Comissão Parlamentar de Defesa, Conselho Consultivo para ao Assuntos dos Deficientes das Forças Armadas, Ministro da Defesa Nacional, Presidente da Assembleia da República, Chefes Militares da Marinha, Exército e Força Aérea, Chefe do Estado Maior-General, Comissão Parlamentar de Defesa, Sr. Presidente da República e Dirigente Associativo em greve de fome, eis que surge uma luz ao fundo do túnel, com a perspectiva do Ministro da Defesa Nacional aceder ao pedido justo, ao grito de alerta de um dirigente, grande deficiente, dizer que a assistência médica tem que ser para todos os deficientes militares e em todo o Portugal, Hospitais Distritais, Centros de Saúde, Clínicas, Laboratórios de Análises, Radiologia, Fisioterapia e outros!

Apesar do Presidente da Direcção Nacional não ter sido, até ao momento, recebido pelo Primeiro

- ministro de Portugal, não deve desanimar porque não é o único neste país a quem o Primeiro Ministro dá o nega ou o encaminha para outra Instituição, como foi o caso da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, que foi encaminhada para o Ministério da Defesa Nacional para que o Sr. Ministro da Defesa Nacional trate como deve ser os seus deficientes militares.

O Ministro da Defesa Nacional diz que vai criar um grupo de trabalho com o objectivo de propor um modelo que garanta aos deficientes militares a possibilidade de recorrer às entidades prestadoras de cuidados de saúde com as quais o IASFA (entidade gestora da ADM) tenha estabelecido acordos. Para quê mais grupos de trabalho se tudo está bem esclarecido no Dec. Lei 43/76 de 20 de Janeiro e porque é que a ADFA fica de fora deste grupo de trabalho? Ora que grupo de trabalho, que modelo, que tipo de assistência médica? É que se é como nos chega a notícia de que é o IASFA que continua a gerir a saúde militar, isto então não vai resolver nada

em questões de saúde, porque o IASFA não é credor de boas práticas e com isso, poucos são os parceiros ligados à saúde que têm e querem fazer acordos com o IASFA.

A Direcção Nacional da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, como parceiro credível, tinha obrigatoriamente que fazer parte do grupo de trabalho, derivado a que melhor que ninguém conhece os reais problemas de saúde dos mais de quinze mil deficientes e família que representa. Não é justo, não é digno, e é uma grande falta de sensatez, pôr de lado uma instituição digna e credora do maior respeito e admiração de todos os portugueses, personalizada na pessoa do Sr. Presidente da República e Chefe Supremo das Forças Armadas.

Sr. Ministro da Defesa Nacional, não chega receber e ouvir a ADFA, é preciso colocá-la no grupo de trabalho que é aí que tudo se está a decidir sobre a saúde daqueles que tudo deram à Pátria! **João Gonçalves**